

**PRÁTICAS DE ORALIDADE:
UMA PROPOSTA COM NOTÍCIA DE RÁDIO E POEMA**

Maria de Fátima de Mello (UFU)
fatima.1407@hotmail.com (UFU)

RESUMO

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* destacam que é direito do aluno fazer uso pleno da fala e da escrita, as duas modalidades da língua e o papel da escola é proporcionar este conhecimento para garantir aos seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o pleno exercício de cidadania. O objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre o a importância das práticas de oralidade na escola. A metodologia adotada inicia-se com uma revisão teórica sobre o tema e culmina com a apresentação de uma proposta de atividade com os gêneros poema e notícia de rádio como possibilidade de trabalho com os eixos oralidade artística/literária e oralidade pragmática. Utilizamos como referencial teórico: Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2006 e 2011), Irandé Antunes (2003), Maurizio Gnerre (1991), Mary Aizawa Kato (1995) Luiz Antônio Marcuschi (1997, 1999 e 2001), Claudemir Belintane (2000), e Leo Cunha (2012), entre outros.

Palavras-chave: Oralidade; Letramento; Competência comunicativa.

1. Introdução

Nos anos 80, passou-se a conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais. Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, passou-se a adotar a posição de que a língua se funda no uso, “são as formas que se adequam aos usos e não o contrário”. (MARCUSCHI, 2001, p. 16)

A partir de uma pesquisa bibliográfica centrada nos temas oralidade, letramento, competência comunicativa, apresentaremos uma proposta didática para trabalhar oralidade em dois eixos: a oralidade artística/ literária com o gênero poema e a oralidade pragmática com notícia de rádio.

Com a demanda comunicativa da sociedade atual, o estudo dos gêneros orais e práticas de oralidade na escola tem merecido a atenção dos estudiosos.

Tomamos por base uma citação de Maurizio Gnerre (1991), para falarmos da relevância do trabalho com oralidade na sala de aula.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Repensar a riqueza da oralidade comporta repensar todo o nosso mundo grafocêntrico, e, na medida em que vai ser dado um novo espaço à criatividade da oralidade, receberemos resultados na criatividade escrita, cujos produtos podem circular e produzir mais criatividade e maior confiança dos indivíduos na expressão de seus próprios pensamentos. (GNERRE, 1991, p. 47)

Acreditamos que valorizando as práticas de oralidade, a escola fortalece em nossos alunos a confiança na expressão de seus pensamentos, suas opiniões e defesa de pontos de vista.

Nos livros didáticos percebe-se a preocupação com a inclusão de atividades cujo foco se concentre na oralidade, mas falta um maior aprofundamento sobre como realizar esse trabalho. Ressaltamos aqui algumas dificuldades enfrentadas pelo professor que impedem uma ação mais voltada para a língua oral: salas de aula cheias e problemas em relação à indisciplina dos alunos. Em outros termos, trabalhar a oralidade na sala de aula apresenta-se como um desafio para os professores de Língua Portuguesa.

Assim, tomando como ponto de partida a vivência de nossa prática escolar, partimos da hipótese de que o trabalho sistematizado com práticas de oralidade representa para os alunos, uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento de sua competência comunicativa, habilidade importante para o exercício pleno de sua cidadania.

2. Alfabetização e letramento

Por um longo período entendeu-se que a aquisição da leitura e da escrita se dava por meio da alfabetização, que consistia tão somente em sistematizar e decifrar palavras. A partir do século XX, com o avanço tecnológico, a língua escrita se tornou condição ímpar para a sobrevivência e para a conquista da cidadania.

Nessa perspectiva de transformações culturais, no sentido amplo da palavra, surgiu o termo “letramento”, empregado para ressignificar os conceitos de leitura e de escrita. No Brasil, esse termo surgiu com Mary Aizawa Kato (1995), que apresentava a ideia de um sujeito letrado para responder às demandas sociais. Mais tarde, ampliou-se esse conceito, retomado em obras de Angela Kleiman (2007) e de Magda Soares (2001), trazendo contribuições para as reflexões acerca da temática na área da linguística aplicada.

Para que essa nova abordagem se torne efetiva, o uso da língua deve ser entendido como prática social, que exige do sujeito agente vários tipos de conhecimentos que interagem nos processos interpretativos, seja o linguístico textual, seja o de mundo, seja o discursivo.

O conceito de letramento começou a ser usado para separar os estudos sobre o aspecto social da escrita dos estudos sobre a alfabetização. Desta forma, a alfabetização vai destacar as competências individuais no uso e na prática da escrita. Já o letramento destaca o aspecto social no uso dessa prática, envolvendo o exame e a reflexão da própria linguagem.

Segundo Luiz Antônio Marcuschi (2001), letramento envolve as diversas práticas da escrita nas suas mais variadas formas e engloba desde uma apropriação mínima, como o indivíduo que é analfabeto, mas identifica o valor do dinheiro, o ônibus que vai tomar, faz cálculos complexos, distingue mercadorias pelas marcas, porém não escreve cartas e não lê jornal até uma apropriação profunda, como a pessoa que escreve romances e desenvolve tratados de filosofia e matemática.

Em síntese, o linguista apresenta essa definição que é muito esclarecedora: “Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz uso formal da escrita”. (MARCUSCHI, 2001, p. 26)

Como as práticas de oralidade na escola são poucas, se comparadas com as voltadas para a escrita, é preciso levar em conta as exigências de uso da modalidade oral não só do contexto escolar, como também das diversas instâncias sociais.

Dessa forma, é importante desenvolver e testar novos caminhos, pois quando se constrói um ambiente escolar em que se permite a sistematização, a informação, o questionamento, permite-se que o sujeito estabeleça com o mundo que o cerca uma relação de autonomia.

Segundo Magda Soares (2001), o aprender a ler e a escrever implica não apenas o conhecimento das letras e do modo de decodificá-las, mas a possibilidade de usar esse conhecimento em benefício de formas de expressão, de comunicação possíveis, isto é, de uso da língua reconhecidos, necessários e legítimos em determinados contextos.

Portanto, ensinar e aprender a língua nessa perspectiva traz a ideia de que ler e escrever envolve o fazer, promovendo diálogos com ideias, concepções e informações em diversas esferas (ANTUNES, 2003). As-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

sim, acreditamos que a atuação do professor de línguas na escola deve ser ampliada para que o processo ensino-aprendizagem ganhe novos significados na prática pedagógica propiciando a elaboração de projetos educacionais que conjuguem teoria e prática.

3. Modalidade oral e modalidade escrita

A falta de atividades que explorem a oralidade contribui para que o aluno não perceba a relação entre as duas modalidades e isso compromete o processo de letramento. Em relação às marcas de oralidade presentes na escrita dos alunos, por exemplo o professor não deve ver como erro as marcas de oralidade presentes na escrita dos alunos, pois a escola ainda não mostra as diferenças e especificidades de cada modalidade, porque ainda privilegia a língua escrita deixando de lado a língua oral. (MARCUSCHI, 2001)

De acordo com Leonor Lopes Fávero, Maria Lúcia Victória de Oliveira Andrade e Zilda Gaspar de Oliveira Aquino (1999),

a língua escrita tem uma aceitação e prestígio na sociedade desde que surgiu e isto trouxe como principal consequência a transformação desta modalidade da língua em uma habilidade, que historicamente tornou-se sinônimo de detenção de conhecimento. (FÁVERO, ANDRADE & AQUINO (1999 p. 15)

Dessa forma, o trabalho com oralidade na sala de aula representa um desafio para os professores de língua portuguesa. Embora haja um certo consenso da comunidade acadêmica na área da linguística a respeito da importância da oralidade, ainda há escassez de material didático sistematizado voltado para essa modalidade oral da língua.

Como a língua abarca duas modalidades, é necessário que a escola ofereça aos alunos a possibilidade de transitar pelas duas modalidades, naturalmente.

Para abordar a questão, é importante registrar que adotamos a concepção de língua como interação. Essa concepção possibilita mostrar à sociedade a existência de uma pluralidade de discursos levando o texto oral e escrito para o centro de todo o processo de ensino de língua portuguesa.

É importante considerarmos, como salienta Luiz Antônio Marcuschi (2001) que:

A fala é uma forma de produção textual discursiva para fins comunicativos na modalidade oral, situando-se no plano da oralidade, sem a necessidade de uma tecnologia, além do aparato disponível pelo ser humano, ou seja, envolve aspectos prosódicos e recursos expressivos como gestualidade, movimentos do corpo e mímica. Já a escrita é um modelo de produção textual caracterizado por sua constituição gráfica, envolve recursos pictóricos entre outros, situa-se no plano do letramento. (MARCUSCHI, 2001, p. 25)

O linguista chama nossa atenção para o fato de que fala e escrita são duas modalidades do sistema linguístico, isto é, ambas fazem parte de um *continuum*. A relação entre as duas modalidades é de interação e este é um aspecto importante, tendo em vista que, até pouco tempo a relação entre fala e escrita era tratada como dicotômica, o que dificultava o processo de letramento.

4. Oralidade no Livro Didático

Faremos uma descrição da abordagem da oralidade no livro *Português Linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, do sétimo ano adotado na escola onde vivenciamos nossa prática escolar.

Na apresentação aos alunos, os autores ressaltam que o livro foi feito “para o aluno que gosta de ler, de criar, de falar, de rir, de criticar, de participar, de argumentar, de debater, de escrever, que deseja aprimorar sua capacidade de interagir com as pessoas e com o mundo em que vive”. Observamos que o foco é a língua como interação, o que já aponta para uma concepção de língua, a mesma que nós defendemos, a língua como interação.

O livro é composto de quatro unidades e cada uma possui três capítulos que contam com uma estrutura mais ou menos uniforme:

Estudo do texto

Compreensão e interpretação

A linguagem do texto

Leitura expressiva do texto

Trocando ideias

Ler é prazer

Cruzando linguagens

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Produção de texto- a língua em foco

De olho na escrita

Semântica e discurso

Divirta-se.

Pela descrição, percebemos a preocupação dos autores em incluir a oralidade no livro didático, inclusive como objeto de ensino, já que três gêneros orais são propostos: Na Unidade III, no capítulo dois, argumentação oral: a discussão em grupo “O que é uma discussão em grupo?”. Ainda nesta unidade, no capítulo três, aparece o debate deliberativo e na unidade IV, no capítulo dois, a entrevista oral. Além desses gêneros orais, há um tópico produzindo e declamando poemas no capítulo dois da Unidade II e também a sessão permanente de leitura expressiva que propõe a leitura em voz alta em dupla de alunos, que aparece em todos os capítulos, demonstrando a preocupação dos autores também com a questão da interação na sala de aula.

Embora o livro didático contemple os gêneros orais, observamos que a escrita ainda é o foco de atenção pelo número de atividades propostas em relação a essa modalidade da língua.

É importante ressaltar que, mesmo que o livro didático inclua a oralidade, faz-se necessário um trabalho voltado aos professores para chamar a atenção em relação à importância dessa modalidade que nem sempre é contemplada. Muitas vezes, atividades envolvendo oralidade ficam em segundo plano, tendo em vista a tradição em relação à escrita e, como visto pela análise do livro didático, esta modalidade ainda contar com número bem maior de atividades.

5. *Proposta didática*

Os *Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental* (Brasil, 1998) recomendam o ensino da língua oral e observa que o aluno em idade escolar possui competência discursiva e linguística para o uso cotidiano. O documento vai além quando reconhece que essas interações não são suficientes para dar conta dos usos linguísticos que as situações sociais do demandam nesse campo. Assim, são propostos objetivos, estratégias e sugestões de abordagem com base na diversidade de gêneros do oral e das situações de uso público da língua.

Importante enfatizar que, ao tentar realizar a articulação oral e escrita, o professor, encontrará uma lacuna no campo do ensino do oral. De acordo com Claudemir Belintane (2000) se PNLD (Programa Nacional de Avaliação do Livro Didático) dos dois últimos triênios “aplicassem os critérios de avaliação sobre o tratamento dado ao oral, nenhum livro didático entraria na categoria do recomendado com distinção”. (BELINTANE, 2000, p. 23)

O desafio que se apresenta para o professor é encontrar métodos e modelos que possibilitem o contato do aluno com a oralidade e que isso o leve a refletir sobre a tradição oral. Neste sentido, pode-se levar em conta dois tipos de oralidade:

Quando falamos em oralidade, há que se pensar em dois eixos: o de uma oralidade artística, literária, lúdica e um outro de uso pragmático (cotidiano). No eixo da oralidade artístico-literária e lúdica, tem-se a produção oral da tradição, a literatura oral popular, por exemplo os contos folclóricos, os contos acumulativos, causos, desafios etc., os ludismos orais, as brincadeiras, *non senses*, linguagens criptológicas, fórmulas de escolha etc. Nesse mesmo eixo, pode-se elencar as possibilidades de produção oral moderna em uso na sociedade, por exemplo a oralidade artística nas mídias (a poesia popular em ação; a contação de histórias na televisão, no rádio; as adaptações e releituras do folclore, da poesia popular nas mídias e nos suportes multimídias). (BELINTANE, 2000, p. 26)

Como proposta de atividade para o eixo oralidade literária optamos por trabalhar com a turma os poemas de dois alunos.

Sonho

Quando sonho
Me vejo e me ponho
E me perco
Na imensidão escura
Mas o sonho é uma
coisa pura
Quando começo a
sonhar
Começo a voar
E quando começo a
Voar, Uhhhhh!
Começo a imaginar
Os olhos da garota
Que me faz sonhar!
Ela tem os olhos azuis
Azuis da cor do mar
E é esse azul
Que me
faz sonhar. Ahhhhh! (G,V,D, 12 anos)

**II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA**

Dengue

No quintal
O pneu,
O pneu
Cheio d'água
Porque choveu.
No pneu,
As larvas.
Agora,
Você na cama,
Com febre,
Entendeu?
Ei! Livre-se da dengue,
Cuide de seu quintal.
Ter saúde
É que é legal! Uau! (A,M,S,12 anos)

Atividade Proposta: reunir a turma em círculo, fazer a leitura em voz alta dos dois poemas. A leitura pode gravada no celular. É importante que o aluno ouça sua própria voz, perceba a entonação empregada, a marcação das pausas e a ênfase dada a algumas palavras.

A seguir o professor pode abrir uma discussão sobre as peculiaridades de cada poema e os alunos podem responder a questões, como estas:

- 1- Qual poema chamou mais sua atenção e por quê?
- 2- Em qual dos poemas a leitura foi mais difícil, por quê?
- 3- Qual ou quais versos você destacaria para resumir cada poema e por que motivo?
- 4- Aponte as peculiaridades de cada um dos poemas.
- 5- Identifique marcas da oralidade nos dois poemas.
- 6- Escolha um dos poemas e faça uma paráfrase.

A partir das respostas, o professor encaminha a aula seguinte para a discussão e reflexão das respostas apresentadas pelos alunos.

Já o eixo da oralidade pragmática, é um campo discursivo que organiza o uso cotidiano da língua, o uso fora do campo da ficção e das artes. Podemos falar em oralidade presencial (debates, colóquios, mesas-redondas, reuniões de trabalho, conversa cotidiana, rituais) e a oralidade por mediações eletrônicas como a televisão, o rádio que tem o apoio na escrita. (BELINTANE, 2000)

Nesse eixo, propomos o trabalho com notícias de rádio com ênfase na leitura que envolve os elementos prosódicos entonação e pausa. A particularidade da notícia radiofônica é que oralidade e a escrita estão imbricadas, tendo em vista que se pode explorar, de um lado, a notícia oral, e de outro, a notícia escrita. Assim, oralidade e escrita se associam a fim de organizar o campo da informação. A escolha pelo gênero notícia de rádio deve-se à perspectiva de que o aluno observe como é importante manter-se informado na sociedade atual e por ser um gênero bastante presente no cotidiano dele.

E por fim, propomos ainda a leitura em voz alta dos dois gêneros: poema e notícia de rádio. O objetivo dessa atividade é fazer com que o aluno perceba que a utilização dessas marcas prosódicas funciona como pistas para guiar a compreensão do leitor/ouvinte. Com essa leitura, o aluno vai perceber que na linguagem falada, uma palavra deve ter esta ou aquela entonação ou tom de voz. “É impossível pronunciar uma palavra oralmente sem qualquer entonação”. (ONG, 1998, p. 118). Assim, entonação é a forma, o tom que imprimimos ao que dizemos. A entonação da voz que pode ser inflamada, calma, irônica, com raiva, grave, aguda determina como o discurso será percebido e sentido pelo ouvinte. Já por meio do emprego das pausas, damos ênfase à informação que vem em seguida e isso possibilita variadas entonações que guiam a compreensão do ouvinte.

6. Considerações finais

Entendemos que, com relação à modalidade oral, o professor tem um papel fundamental podendo complementar o que é proposto pelo livro didático, de acordo com o seu conhecimento, sua sensibilidade, sua vivência e prática escolares.

Nenhum livro didático é completo em relação a uma abordagem ampla para o desenvolvimento da oralidade em sala de aula, mas as atividades no livro didático podem ser complementadas e isso compete ao professor.

Em outras palavras, é preciso incluir a pesquisa em nossas práticas pedagógicas, pois o ensino de língua materna requer cada vez mais nossa participação, fazendo-se necessário que o professor seja um pesquisador. Desta maneira, o processo ensino/aprendizagem envolverá reflexão, o que muito vai enriquecer as aulas de língua portuguesa, tendo

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

em vista que será oferecido ao aluno a oportunidade de reflexão sobre a língua materna como prática social.

Os PCN enfatizam que, para produção de textos na modalidade oral, os alunos devem ser orientados em duas direções: para a preparação prévia e para o uso da língua. Essa preparação prévia possibilita reflexão sobre a situação de comunicação, o público-alvo, a estrutura de participação dos interlocutores e as especificidades do gênero. Portanto, na produção de textos orais, ao considerar os papéis assumidos pelos participantes, o aluno tem mais chance de fazer escolhas linguísticas adequadas à situação.

Ademais, o documento observa que atividades de monitoramento do próprio texto oral devem ter destaque para que o aluno perceba os efeitos de sentido alcançados pelo uso de elementos não verbais, pelos suportes e também pelas possibilidades de modificações ao longo da fala. (BRASIL, 1998)

O reconhecimento da oralidade é relevante para o ensino de língua portuguesa e para o dia a dia dos alunos. Isto significa que a escola deve promover ocasiões para desenvolver habilidades cada vez mais exigidas nas variadas esferas sociais. Portanto, trabalhar sob essa perspectiva, significa proporcionar aos alunos uma ampliação efetiva de sua competência comunicativa, habilidade importante para o pleno exercício de cidadania e participação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. Rio de Janeiro: Parábola, 2003

BELINTANE, Claudemir. *Linguagem oral na escola em tempo de redes*. São Paulo Educ. Pesquisa. v.26 n.1 /jun Brasil,2000

BRASIL, *Parâmetros curriculares nacionais (PCN)*. Introdução. Ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF,1998

CEREJA, William Roberto; Magalhães, Thereza Cochar. *Português linguagens*. São Paulo: Saraiva, 2012.

CUNHA, Leo. *Poesia para crianças: conceitos, tendências e práticas*. Curitiba: Piá, 2012.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

CYRANKA, Lucia Furtado de Mendonça; MAGALHÃES, Tânia Guedes. O trabalho com a oralidade/variedades linguísticas no ensino de língua portuguesa. In: *PPG, Linguística – UFJF*, vol. 16, n. 1 vol. temático “Linguística Aplicada das Profissões”, p. 59-74. 2012.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia Victória de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar de Oliveira. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 1999.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

KATO, Mary Aizawa. *No mundo da escrita: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995

KLEIMAN, Angela. *Letramento e suas implicações para o ensino da língua materna*. Santa Cruz do Sul: Signo, 2007

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006

_____; _____. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A oralidade e o ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela, Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_____. Oralidade e escrita. *Ensaio – Revista Signótica*, n. 9, p. 119-145, jan./dez. 1997.

_____. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez, 1999.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. São Paulo: Papirus, 1998.